



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS

**DE BENTINHO A CASMURRO: UMA ANÁLISE DO CIÚME E SUAS
IMPLICAÇÕES EM *DOM CASMURRO***

Lívia Maria Gonçalves Penna

Brasília

2023

Resumo

O artigo busca expor o ciúme exagerado de Bento Santiago em *Dom Casmurro*, com base na relação e nas interações de Bento com Capitu, e irá inquirir esse sentimento já visto antes na obra de Shakespeare, *Otelo, o Mouro de Veneza*. Será explorada, também, a normalidade *versus* a psicopatologia do sentimento, analisando, a partir do ponto de vista psicanalista, os comportamentos do protagonista. Para realizar o presente estudo, foi utilizado o método indutivo, onde os fatos expostos no livro foram observados e explorados para que ocorra a análise sobre a origem do sentimento. Foi possível, então, concluir que o ciúme exposto na obra parte de seu inconsciente e é manifestado e externalizado em situações gatilhos e atinge ápices violentos, que já não podem mais ser justificados pelo amor que sente por Capitu ou pela pouca idade.

Palavras-chave: Machado de Assis; Dom Casmurro; Bento Santiago; Ciúme; Psicopatologia.

Abstract

This article analyzes the excessive jealousy seen in Bento Santiago, from *Dom Casmurro*, based on his relationship and interactions with Capitu and it will investigate said feeling that has already been seen in the distinguished work from Shakespeare, *Othello, the Moor of Venice*. Furthermore, this article explores the normality versus the psychopathology of the feeling, trying to analyze, from the psychoanalysis point of view, the main character's behavior. To do so, the inductive reasoning was used for the research, along with the facts displayed in the book, which were observed and explored to come to a conclusion. At the end, it was possible to realize that the excessive jealousy shown in the book came from an unconscious place and it's manifested and externalized in triggering situations and hits its peak with violence, which can no longer be justified by his love for Capitu or by his young age.

Keywords: Machado de Assis; Dom Casmurro; Bento Santiago; Jealousy; Psychopathology.

Introdução

Das tarefas difíceis, a maior é a de falar sobre Literatura sem considerar os sentimentos que influenciam nas atitudes dos personagens em uma narrativa, sendo o mais explorado, dentro dos cânones, o amor. Como fez no ano 380 a.C, Platão discorre sobre o amor em sua obra “O Banquete”, cujo objetivo é discutir sobre o dito sentimento. Ágaton, que esteve presente no diálogo sobre o tema, irá dizer que “(...) de todos os deuses, que são felizes, é o Amor, se é lícito dizê-lo sem incorrer em vingança, o mais feliz, porque é o mais belo deles e o melhor. Ora, ele é o mais belo por ser tal como se segue.” (PLATÃO, 2017, p. 25). Tal definição do amor traz à tona a pureza do fluir do sentimento, a beleza de senti-lo e sua superioridade com relação às outras emoções.

Porém, essa definição, apesar de atraente, omite o lado obscuro do amor, que pode, até mesmo, tornar-se patológico, de acordo com estudiosos da Psicologia, que afirmam que

“(...) a atitude de fixar atenção e cuidados em relação ao companheiro é esperada em qualquer relacionamento amoroso saudável. Todavia, quando ocorre falta de controle e de liberdade de escolha sobre essa conduta, de modo que ela passa a ser prioritária para o indivíduo, em detrimento de outros interesses antes valorizados, está caracterizado um problema denominado amor patológico (AP).” (SOPHIA; TAVARES e ZILBERMAN, 2006, p. 1).

Existe, então, uma influência desse amor na forma como irão agir dentro de seus relacionamentos interpessoais.

Uma das possíveis consequências desse amor que consome o indivíduo, que se pode deduzir, seria o ciúme exagerado, gerado por um medo excessivo de perder seu parceiro ou objeto amado. Isso gera conflitos internos que se externalizam em comportamentos violentos, que podem destruir um relacionamento, como é o caso visto em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, onde o personagem principal tem diversos delírios sobre perder Capitu, sua amada.

Por essa razão, o presente trabalho tem por objetivo sintetizar as análises feitas da obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, com enfoque em Bento Santiago e uma de suas marcantes características, o ciúme. Por ser emblemática e de muitas nuances, a obra requer estudos que vão além da interpretação das personagens e acontecimentos, e, por tal motivo, questões como a contextualização do texto, as características literárias da época em que o livro foi escrito, a origem do ciúme de Santiago e o núcleo psicopatológico de tal sentimento do protagonista serão aqui abordados. Assim, o trabalho perpassa por observações de cortes selecionados do livro, que são os capítulos LXII, LXXXI, CVII e CXIII, intitulados, respectivamente, de *Uma Ponta De Iago*, *Uma Palavra*, *Ciúmes do Mar* e *Embargos De Terceiro*, que mostram o exagerado ciúme aqui explorado.

Na primeira seção, busca-se situar brevemente a vida, obra e o tempo de Machado de Assis (1840-1908), apresentando a situação sociopolítica e cultural do Brasil em que o autor viveu. A relação de Machado de Assis com o teatro, muito pouco referenciada, também é destacada, pois, além de aparecer com certa frequência em sua obra, o autor possuía forte vínculo com essa arte. Ademais, por ser um autor muito comentado e pesquisado há vários anos, urge a necessidade de se explorar o porquê de ainda estudar

sua vida e suas obras, então, será feita uma breve exposição dos motivos para ainda referenciarmos Machado de Assis.

Já a reflexão seguinte, feita na segunda seção, apresenta um estudo analítico de alguns aspectos do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, com a intenção de filtrar os perfis das personagens e elementos importantes para o processo de identificação dos contextos e cenários apresentados no livro, que auxilia o aprofundamento da compreensão das atitudes que Bento Santiago tem para com Capitu.

Para que seja possível adentrar no tema do ciúme, entender as motivações de Bento Santiago é essencial para o andamento deste trabalho. Por essa razão, a terceira seção contém a apresentação e análise das diversas faces que o personagem deixa transparecer ao decorrer da obra e evidenciará as situações com as quais ele se envolve, com o intuito de compreender o caráter de Bentinho, antes de seguir para a seção que aborda o ciúme exagerado do protagonista. Para isso, serão utilizadas referências da crítica literária como Alfredo Bosi, Fábio Lucas, Helen Caldwell, e autores de outras áreas que também dedicaram estudos a essa obra.

Destarte, conta-se com uma análise da origem do ciúme de Bento Santiago, além de recortes de capítulos da obra que fazem referência ao sentimento em questão, permitindo, assim, que possa ser feita uma reflexão sobre o tema, contando com a teoria do psicanalista Sigmund Freud, que diz respeito à psicopatologia do ciúme. Cabe, então, refletir sobre a importância da discussão sobre o que pode ser considerado um ciúme comum ou um ciúme advindo de questões psicopatológicas, em que deixa de ser um sentimento como qualquer outro e passa a ser prejudicial para sua própria saúde e a de todos ao seu redor.

Por que ainda Machado?

Ainda que seus escritos iniciais fizessem parte do Romantismo, Machado de Assis e suas obras são diretamente ligadas ao período marcado pelo Realismo e sua estética. *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) é um marco de separação de suas obras românticas das realistas e é nessa obra que se encontram traços realistas que se desprendem da estética romântica e se associam fortemente à realista. Alfredo Bosi, em *A História Concisa da Literatura Brasileira* (2015), registrou algumas observações acerca da relação de Machado com o Realismo em ascensão, que se distanciava da cultura de exaltação monárquica e aproximava-se da denúncia da realidade brasileira.

A proximidade de Machado com a estética realista pode ser percebida, principalmente, a partir do que Bosi, ao abordar as minúcias do Realismo, aponta sobre uma característica das personagens realistas: “O escritor realista tomará a sério as suas personagens e se sentirá no dever de descobrir-lhes a verdade, no sentido positivista de dissecar os móveis do seu comportamento.”(BOSI, 2015, p. 187). Assim, personagens como Bento Santiago têm seus comportamentos dissecados, mesmo que, nesse caso, ele mesmo seja o narrador, suas atitudes - que, de certa forma, o definem - são postas de forma crua, sem rodeios e longe de profundas reflexões propositais acerca do personagem, à primeira vista. Brás Cubas também se encaixa nesses moldes, uma vez que é difícil ter uma interpretação dele que não remeta às suas azedas características, claras e admitidas.

Em oposição ao Romantismo, o Realismo faz uma denúncia da realidade da sociedade brasileira, ou seja, deixa de idealizar os ambientes e a natureza, e passa a abrir espaço para exploração do que de fato acontece. Dessa forma, as narrações de eventos em obras do Realismo contam com acontecimentos cotidianos, sem grandes reviravoltas, mas que permeiam questões sociais e culturais. Tais fatores podem ser exemplificados em *Dom Casmurro*, uma vez que não há peripécias - como em peças trágicas -, apenas ocorridos do dia-a-dia, como uma ida à casa do vizinho ou narração de momentos vividos por Bento Santiago no seminário, que se desdobram em assuntos mais profundos. Nesta obra, as personagens são narradas de acordo com aquilo que viveram em suas vidas, com viés social fortemente acentuado e baseado em uma sociedade que marginaliza os pobres.

Tais características não estão presentes somente nos livros de Machado, mas em alguns de seus contos, como é o caso de *Missa do Galo*, em que o narrador encontra-se preso numa dualidade moral. Em um extremo momento, deseja uma mulher casada e, no outro, desvia-se dela por entender sua situação de comprometida, ainda que o esposo seja um adúltero. A situação narrada no conto pode ser enquadrada na estética realista justamente por realizar uma queixa das questões morais presentes em situações cotidianas. As duas personagens estão na sala de uma casa, casualmente tendo uma conversação, e é nela que se passa um evento permeado por moralidade, em que o narrador passará por conflitos internos resumidos entre entregar-se ao que estava sentindo por Conceição ou ser um homem íntegro diante à situação: “Estava de pé, os braços cruzados; eu, em respeito a ela, quis levantar-me; não consentiu, pôs uma das mãos no meu ombro, e obrigou-me a estar sentado.” (ASSIS, 2011, p. 2).

Sendo assim, torna-se condizente o que escreveu Bosi sobre a escrita de Machado e sua aproximação com o Realismo, em que

“Bastava ao criador de *Dom Casmurro*, como aos moralistas franceses e ingleses que elegeram como leitura de cabeceira, observar com atenção o amor-próprio dos homens e o arbítrio da fortuna para reconstruir na ficção os labirintos da realidade.” (BOSI, 2015, p. 199).

Dessa maneira, os escritos de Machado de Assis têm o propósito direto de fazer recortes da sociedade e ficcionaliza-los, para ter o efeito que se pretende de expor os conflitos internos que passam os personagens que vivem na sociedade brasileira, de forma cotidiana.

Então, para obter-se uma melhor compreensão das obras de Machado de Assis, é preciso abordar sua biografia e seus feitos em vida, que conseguem justificar sua inegável herança na literatura brasileira. Tendo sua primeira obra literária publicada aos 15 anos em um jornal do Rio de Janeiro, Machado de Assis iniciou sua carreira como escritor, mas, para além disso, tornou-se jornalista, crítico e teatrólogo ao longo de sua vida.

Ao contrário do que se pode inferir, Machado, apesar de estar inserido na parte marginalizada da sociedade, por ser um homem negro e filho de operário, muito conquistou ao longo de sua vida. Seus pais, por exemplo, eram alfabetizados, o que, na época, era considerado um grande privilégio. O autor era bisneto de escravizados, porém, em sua família, havia uma madrinha detentora de uma chácara em que vivia a família. Dessa forma, é possível concluir que a vida de Machado veio de origens nada valorizadas, com a escravização de seus descendentes, até a inclusão da família na classe dominante da sociedade brasileira.

A pluralidade dentro da carreira de Machado, ainda mais sabendo de sua origem advinda, impressiona. Aos 15, inicia sua carreira literária com sua primeira de muitas escritas, mas, ao mesmo tempo, explora outras áreas, como a política, sobre a qual apresentou opiniões e escreveu crônicas publicadas em jornais da época. Em suas *Cartas Fluminenses*, por exemplo, declarou suas visões políticas por meio de duas crônicas. Além disso, suas obras são manifestações de seus posicionamentos políticos, já que toda sua estética aborda a sociedade capitalista brasileira e suas implicações na vida pessoal de cada um.

Assim, Machado não se prende a uma opinião imóvel, mas revisita seus conceitos e, através da escrita, torna pública sua finalidade política e social. A obra que irá ser analisada neste trabalho, *Dom Casmurro*, é um exemplo da estética machadiana no que concerne a interpretação de cada personagem e os acontecimentos cotidianos que os envolvem, que dão espaço para suas análises psicológicas e comportamentais.

Mesmo que a obra escolhida para a dissertação deste trabalho tenha sido escrita há mais de um século, ainda hoje o estudo de Machado de Assis e de suas mais importantes obras têm sua relevância, histórica, social e, principalmente, literária. O atrativo para a absorção das obras do autor pode não ser perceptível para alguns, mas a importância da insistência nelas, até os dias atuais, é apreendida logo que se termina a leitura de seus escritos.

Na tentativa de responder “Por que ler os clássicos”, Italo Calvino trará algumas propostas de definições de clássicos, que somam entre si para que se chegue a uma conclusão, sendo uma delas: “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.” (CALVINO, 1991, p. 11). Esse apontamento pode ser aplicado para defender a relevância atual de Machado de Assis, já que a exposição de um momento histórico, com base em um viés social, político e crítico, foi entregue ao público, tanto da época, como a de hoje. Ler, hoje, os livros escritos no século XIX permite o cruzamento de ideias daquele tempo com o atual, incutindo indagações permeadas por interpretações de diferentes formas. O caso visto em *O Alienista* (1882), em que Simão Bacamarte distribui diagnósticos baseados em interpretações rasas e sem fundamentos, pode ser revisitado e causar o mesmo impacto em leitores atuais, com relação ao descaso psiquiátrico e o diagnóstico precipitado de laudos sem base científica acurada.

Retoma-se, então, ao fator realista contido nos textos machadianos, em que o aprofundamento nas questões comportamentais e psicológicas aparecem. As demonstrações de relações sociais atuais trazem à tona reminiscências daquelas contidas nas obras de Machado de Assis, como pode ser percebido em *Dom Casmurro*, de onde pode inferir diversas interpretações de tal modo nos personagens, como é o caso visto nas relações interpessoais de Bentinho com o seu núcleo social, de onde se pode retirar um exemplo de interpretação a partir da descrição de um personagem: “Com o tempo, adquiriu certa autoridade na família, certa audiência, ao menos; não abusava, e sabia opinar obedecendo.” (ASSIS, 1899, p. 15). Aqui, é possível perceber José Dias como um agregado que sabe da sua autoridade dentro de casa, ainda mais na ausência da figura paterna, mas que entende que sua presença ali é condicionada a um acontecimento de muitos anos atrás que revela a bondade do pai de Bentinho, que permitiu que José Dias morasse com eles sem custos e, por isso, se mantém em posição de obediência à família.

Editado pela primeira vez em 1899 e publicado no mesmo ano, *Dom Casmurro* trouxe à tona discussões sobre o comportamento humano e uma camuflada análise

psicológica sobre o mesmo. Em 1960, Helen Caldwell publica seu livro, *The Brazilian Othello of Machado de Assis*, em que argumenta em prol da inocência de Capitu, pela primeira vez na crítica literária e impressiona, já que, mesmo após 60 anos de sua publicação, ainda reverberava a defesa ao protagonista, Bento Santiago. A narrativa se passa através do olhar do protagonista e tudo o que se sabe sobre a vida dos personagens descritos é apresentado por um narrador homodiegético, ou seja, é um personagem que narra sua própria história, sendo assim, muitos leitores se deixavam levar pela crença de que Capitu, de fato, o traiu. Porém, é preciso abrir os olhos para além do que é passado pelo personagem principal e tentar entender o que o faz narrar os eventos da forma como narra.

Narrar os acontecimentos como o faz, é uma tentativa de Bento Santiago de amenizar seus sentimentos deturpados, de tal modo que o leitor se sinta inclinado a acreditar em sua inocência. Bento Santiago utiliza, por exemplo, da referência direta a quem está lendo seus escritos e, diversas vezes, faz apelos para que levem em consideração a sua jovem idade e os inéditos sentimentos. Todavia, possuía falas preocupantes quando se tratava de seu relacionamento com Capitu, como é o caso em que Bentinho sente ciúme ao pensar que ela poderia casar com alguém da vizinhança e reage por não possuí-la: “(...) e tão senhor me sentia dela que era como se olhassem para mim, um simples dever de admiração e de inveja” (ASSIS, 1899, p. 95). Dessa maneira, era mais possível que os homens estivessem olhando para ele, em sinal de admiração pela conquista de Bentinho - Capitu - de forma que seja inconcebível que estivessem olhando para ela.

Bento Santiago, desde os primeiros capítulos expõe a forma como se sente com relação à sua vizinha e demonstra um exagerado ciúme dela, o que foge da moral esperada pela sociedade, em que os sentimentos são mascarados com o fim de se viver bem em comunidade. Na obra, Santiago diz abertamente que seu ciúme lhe deu vontade de “(...) cravar-lhe as unhas no pescoço, enterrá-las bem, até ver-lhe sair a vida com o sangue”(ASSIS, 1899, p. 110). Essa declaração do protagonista leva a pensar que suas tomadas de decisões não são feitas com base em um claro juízo de pensamentos, mas sim baseadas em sentimentos exagerados que deturpam sua visão acerca do que o rodeia.

De Bentinho a Casmurro

Apesar de complexa, *Dom Casmurro* pode se tornar uma obra mais fácil de desbravar quando se explora profundamente seu protagonista. Bento Santiago é um personagem emblemático que, ao decorrer da narrativa, apresenta características diferentes a depender do momento da trama, já que se acompanha grande recorte de sua vida, em que muitas mudanças são passíveis de acontecer. Porém, o que o torna tão relevante para estudos em todo o mundo é por se tratar de um narrador homodiegético, cuja possibilidade de se conhecer a Bentinho é apenas a partir do que ele mesmo narra, podendo conter distorções da realidade, uma vez que seu objetivo, certamente, não é o de desfavorecer sua aparência. Um dos fatores que podem, também, distorcer a imagem que se tem do narrador é o tempo em que a história é contada. Já após a morte de todos os personagens da obra, Bento Santiago revive sua vida através da memória e, numa tentativa de reunir todos os eventos, escreve sobre o que ocorreu há alguns – bons – anos.

Ao acompanhar os diversos momentos da vida do protagonista, o leitor pode perceber que lida com mais de um Bento Santiago. Em um primeiro momento, conhece Bentinho, um jovem seminarista, apaixonado em segredo por sua vizinha, tentando convencer a seus familiares de permiti-lo que desista da vocação sacerdotal. Já em outro momento, o leitor conhece Bento Santiago, casado com Capitu e, agora, advogado, um doutor. Na terceira parte, o verdadeiro Dom Casmurro é apresentado, um viúvo obrigado a viver com a sua consciência e lembrando de tudo o que lhe aconteceu, fazendo com que escreva suas memórias.

Bentinho, um adolescente que, ainda no processo de conhecimento do mundo, é posto em um seminário para realizar o desejo de vida de sua mãe de torná-lo padre. Ainda tomado pela ingenuidade com relação ao mundo exterior, criado em seu ambiente familiar que muito o protegia, começa a viver suas aventuras com Capitu e pretende concretizar seus planos de fugir do seminário para estar com ela. Aqui, se pensará em Bentinho como um menino inocente, não só pelo caráter homodiegético do narrador, que jogará a favor dele mesmo e tentará convencer o leitor disso, mas também pelo que é passado durante as interações dele com Capitu. Seu nervosismo em momentos vividos com ela é transparecido algumas vezes, como quando tiveram a oportunidade de selar seus desejos em um beijo. Capitu, sempre mais madura, agiu com naturalidade à situação, ainda mais por quase terem sido pegos por sua mãe. Já Bentinho, ainda tão ingênuo, pôs-se a colar na parede e estando “preso e atordoado” (ASSIS, 1899, p. 56) nada conseguiu fazer. Esta é uma das interações entre os dois que confirma o pensamento do leitor de que Bentinho é, sim, apenas um garoto, coberto por suas inseguranças e medos da realidade.

Quando concretizado seu desejo de casar-se com Capitu, Bento Santiago, o agora Doutor em advocacia, mostra mais uma de suas faces, a de um homem ainda tão inseguro como o era aos 15 anos, porém, com motivações pouco menos passíveis de serem acatadas pelo leitor. Um acontecimento que justifica esta insegurança de Bento Santiago é a que pode ser vista após casarem-se, quando, em um dos delírios do personagem, pensa que sua esposa, após sete dias de casados, já se encontrava aborrecida dele, mesmo que esta estivesse apenas sentindo a ausência de seus pais (ASSIS, 1899, p. 142). Os pequenos detalhes, muitas vezes despercebidos, são os que fazem o leitor, mesmo que inconscientemente, mudar a opinião sobre o protagonista, que vez ou outra demonstra inseguranças muitas vezes motivadas por razões vãs.

Por último, o Dom Casmurro que se descobre ao final da narrativa é um viúvo, cujas lembranças o obrigam a narrar. Revela a morte de Capitu com tamanha rispidez e falta de afeição, que não há alternativa senão enxergar Bento Santiago como alguém que se tornou amargo e pouco afeiçoado à vida, como em “A mãe - creio que ainda não disse que estava morta e enterrada. Estava; lá repousa na velha Suíça” (ASSIS, 1899, p. 187), em que essa é a única menção que faz da morte de Capitu. Ao encontrar Ezequiel, seu filho, depois de tantos anos, também não é capaz de demonstrar afeto ao menino, uma vez que acredita fielmente que este não é seu filho e, sim, fruto de uma traição em dobro, nunca comprovada, mas ensaiada em sua cabeça:

“Não me mexi; era nem mais nem menos o meu antigo e jovem companheiro do seminário de S. José, um pouco mais baixo, menos cheio de corpo e, salvo as cores que eram vivas, o mesmo rosto do meu amigo.”(ASSIS, 1899, p. 187).

Em síntese, Bento Santiago é apresentado ao leitor como um personagem que sofre alterações, mas que é constantemente defendido por esse narrador homodiegético

que, incansavelmente, tenta convencer quem o lê de sua ingenuidade. Prejudicado pelo tempo e memórias distorcidas, tem-se uma espécie de memorial cujos acontecimentos narrados são baseados em uma suposta imparcialidade de fatos, tornando difícil acreditar na benevolência do protagonista.

Sendo assim, para poder discorrer sobre o sentimento de ciúme que se revela no protagonista de *Dom Casmurro*, é preciso que se abra um espaço para exposição das personagens envolvidas na trama, já que a maior responsável por causar o ciúme gerador de desconfiança em Bento Santiago é a sua relação compartilhada com Capitu e Escobar. A obra explora, primeiramente, a relação individual de Bentinho com cada um deles, portanto, a dinâmica entre os três só passa a ser percebida mais ao final da obra, quando todos, já casados, vivem muitos momentos em conjunto.

Bento Santiago e Capitu, vizinhos, se aproximam em uma idade muito jovem e estreitam seu relacionamento pouco antes do protagonista precisar realizar o desejo de anos de sua mãe, em que, ordenado a cumprir o Seminário e tornar-se padre, não pôde dar um próximo passo em seu romance com sua vizinha. Por querer mostrar-se investido na carreira sacerdotal, preferiu não expor seus sentimentos por Capitu à família e, sutilmente, fazia perguntas aos familiares, principalmente a José Dias, sobre ela e assumiu: “A pergunta era imprudente, na ocasião em que eu cuidava de transferir o embarque. Equivalia a confessar que o motivo principal ou único da minha repulsa ao seminário era Capitu, e fazer crer impossível a viagem.” (ASSIS, 1899, p. 94).

A visão que o leitor tem de Capitu acaba sendo definida por aquilo que é narrado por Bentinho, herdeiro de um sistema patriarcal que reflete na forma como conta a história. Assim, o caminho para crer que Capitu não seja uma boa pessoa e que seja capaz de adultério é facilitado por seu maior aliado, Bentinho, a quem ela tanto ama. Advindo de família com grandes privilégios financeiros, Bentinho vê Capitu como sua pobre vizinha, com um pai desesperado por ascensão econômica e social, e a reduz ao papel social de amável esposa, que nada pode opinar, uma vez que está em posição vulnerável ao tentar adentrar o círculo social de Bentinho, que a narração deixa claro que Capitu não pertence, como atesta Fábio Lucas: “Capitu, não obstante sua superioridade afetiva e humana, é sentida pelo narrador na condição inferior de pessoa mais pobre. Portanto, numa escala social mais baixa.” (LUCAS, 2009, p. 117). Claro que não há negação que a forma como ela é descrita em alguns momentos da narrativa demonstram a paixão do personagem por Capitu, como é o caso visto no capítulo XXXI, em que Bentinho dedica todo o capítulo a descrever as curiosidades que a tornam um ser único: “Tudo era matéria às curiosidades de Capitu, mobílias antigas, alfaias velhas, costumes, notícias de Itaguaí, a infância e a mocidade de minha mãe, (...)” (ASSIS, 1899, p. 52). Porém, seus sentimentos mais intrínsecos tiram o espaço dessa visão positiva com relação a ela.

Por outro lado, a relação de Bento Santiago com Escobar, desde o seminário até a saída de ambos, se revelou ser de companheirismo, de refúgio das dificuldades enfrentadas mundo afora: “Aquele coração moço que me ouvia e me dava razão, trazia a este mundo um aspecto extraordinário” (ASSIS, 1899, p. 114). Os dois confiavam um no outro, dividiam desejos e articulavam formas de realizá-los. Diferentemente dos vizinhos, os dois amigos tinham uma relação estreitada na confiança e baseada na forma como ambos queriam sair do seminário para realizar seus outros sonhos e, realizando-os, decidiram morar perto e manter suas vidas próximas, confirmando, ainda mais, a parceria entre eles.

A perceptível diferença entre os relacionamentos traz uma curiosidade sobre a divergência dos tratamentos de um homem para com mulheres. Para Bentinho, Capitu podia ser ardilosa, ainda mais por carregar em si uma magnitude no olhar, e, por ser “mais mulher que ele era homem” (ASSIS, 1899, p. 51), causava sentimentos de insegurança nele. Já Escobar não teria esse poder de influenciar negativamente suas emoções, pois era mais fácil se sentir intimidado por uma mulher do que por um homem, nesse caso.

Portanto, a dinâmica desses dois relacionamentos torna inevitável a aproximação de Capitu e Escobar, ainda mais, se levado em consideração que este último casou-se com a melhor amiga de Capitu, a Sancha. Os quatro mantinham um relacionamento próximo, dividiam noites e revezavam entre as casas onde jantariam e, mesmo que não haja descrição de interação direta entre Capitu e Escobar, entende-se que, por estarem diversas vezes no mesmo ambiente, há uma socialização entre eles. O ciúme de Bentinho se origina quando, ao prestar maior atenção nas imitações de Ezequiel, percebe a similaridade aos trejeitos de Escobar: “Alguns dos gestos já lhe iam ficando mais repetidos, como os das mãos e pés de Escobar, ultimamente, até apanhara o modo de voltar a cabeça deste, quando falava, e o de deixá-la cair, quando ria.” (ASSIS, 1899, p. 160). Dessa forma, a origem do ciúme de Bento Santiago é abrupta, não é construída em descrições de eventos após sua percepção da proximidade entre os dois, mas demonstrada em momentos específicos de vulnerabilidade de sua, agora, esposa.

A origem da desconfiança e começo do ciúme

O relacionamento entre Escobar e Capitu, apesar de grande gatilho para o descontrolado ciúme de Bento Santiago, não foi a primeira aparição de tal sentimento no narrador. No capítulo LXII, *Uma Ponta de Iago*, José Dias traz notícias de casa e, dentre elas, diz que Capitu anda alegre e comenta a hipótese de algum dia, talvez, “pegar algum peralta da vizinhança, que case com ela.” (ASSIS, 1899, p. 94). Este comentário causou inéditas sensações, como consequência, em Bentinho, que, tomado pela vontade de correr ao encontro de Capitu para interrogá-la a respeito de tal notícia, se encontra impedido de o fazer:

(...) eu, depois de estremecer, tivesse um ímpeto de atirar-me pelo portão fora, descer o resto da ladeira, correr, chegar à casa do Pádua, agarrar Capitu e intimidar-lhe que me confessasse quantos, quantos, quantos já lhe dera o peralta da vizinhança. Não fiz nada.” (ASSIS, 1899, p. 95).

Apelando para que o leitor esteja ao seu lado neste momento, Bentinho se defende: “Não esqueças que era a emoção do primeiro amor.” (ASSIS, 1899, p. 95). O apelo que o narrador homodiegético faz é uma das medidas tomadas por ele para atrair o leitor, para que fique ao seu lado e não duvide de seu juízo, já que está tomado pelos seus sentimentos e não consegue controlá-los. Fábio Lucas, em seu livro *Núcleo e a Periferia de Machado de Assis*, aborda esse apelo como sendo uma medida de compensação de sua fragmentação: “O seu eu se encontra distribuído nas diferentes personagens, dividido em partículas de impressões sobre os outros para se recompor de seu fracionamento, apela para a colaboração de todos, inclusive do leitor, tantas vezes apostrofado” (LUCAS, 2009, p. 105). Assim sendo, o espectador se comove e se deixa levar pela ingenuidade com a qual Bentinho conduz os acontecimentos e pede para que relevem a sua sensibilidade no assunto.

Ainda neste capítulo, o narrador descreve o que o ciúme fez com seu corpo, fisicamente, ao dizer que empalideceu e sentiu um frio correr seu corpo só de pensar em

Capitu sendo feliz enquanto ele chorava todas as noites. A origem desse sentimento, neste caso, é mais egoísta, ao passo que ele confessa que a alegria de sua amada o incomoda, mesmo que esta estivesse apenas encenando, para que D. Gloria não desconfie da paixão que guarda por seu vizinho. Além disso, pode-se perceber como o ciúme sai de Bento através de sua imaginação - e não de fatos concretos - quando este descreve aquilo que passou pela sua cabeça, após o comentário de José Dias: “E a alegria de Capitu confirmava a suspeita; se ela vivia alegre é que já namorava a outro, acompanhá-lo-ia com os olhos na rua, falar-lhe-ia à janela, às ave-marias, trocariam flores e...” (ASSIS, 1899, p. 95). Aqui, não há espaço para razão, já que a insegurança de perder seu grande amor vem de pressuposições existentes apenas em seu interior e toma conta dele, mesmo que não haja afirmação alguma sobre Capitu estar com outra pessoa. A falta de racionalidade e o exagero em seus delírios tornam possível a tese de que suas ideias sobre Capitu estão equivocadas, já que estão baseadas puramente em criações de sua mente e não em fatos que realmente ocorreram.

Saindo da adolescência e partindo para um dos momentos da vida adulta e matrimonial, no capítulo CVII, Bento Santiago admite sentir ciúme do mar, para onde tão fixamente olhava Capitu, que fê-lo repudiar a sensação de não saber o que passava em sua cabeça: “Venho explicar-te que tive tais ciúmes pelo que podia estar na cabeça de minha mulher, não fora ou acima dela.” (ASSIS, 1899, p. 148). Mais uma vez, a insegurança de Bento era tão grande que o fato de não ter acesso ao mais íntimo dos pensamentos de Capitu o deixavam controlado pelo ciúme, em que nem mesmo o ser não vivo escaparia da culpabilização.

O capítulo nomeado “Ciúmes do mar” mostrará a intensidade deste sentimento em Bento Santiago, que admite senti-lo num espaço temporal de dez minutos, o que poderia levar à crença de que é um ciúme efêmero e nada significativo. Porém, neste ponto da narrativa, o leitor já entende as inseguranças do protagonista e sabe que este ciúme é avassalador e capaz de ultrapassar as barreiras da normalidade. Aqui, tem-se um Bento que sente ciúme do que pode estar passando pela cabeça de sua mulher que, distraída, poderia estar pensando em interações que teve com anônimos, o que a tornaria culpada, portanto, subentende-se que o motivador para o ciúme, neste caso, encaixa, novamente, nos delírios criados por ele em sua cabeça.

Mais uma vez, o narrador diz estar empalidecido pelo sentimento e passa a descrevê-lo como é: “Os meus ciúmes eram intensos, mas curtos; com pouco derrubaria tudo, mas com o mesmo pouco ou menos reconstruiria o céu, a terra e as estrelas” (ASSIS, 1899, p. 148). Neste trecho, o leitor se depara com a confissão de que o ciúme toma o lugar que a razão deveria ocupar e se manifesta através de suas falas e ações tão grandiosamente que o levaria a fazer qualquer coisa.

Em “Embargos de Terceiro”, tem-se mais uma confissão de Bento sobre seu ciúme, em que expõe as situações que o deixam enciumado, podendo ser um vizinho, alguém que dançasse com ela ou qualquer homem que cruzasse seu caminho, mesmo que não houvesse intenção de coisa alguma entre as partes e assume que chegou a “(...) ter ciúmes de tudo e de todos. Um vizinho, um par de valsa, qualquer homem, moço ou maduro, me enchia de terror ou desconfiança” (ASSIS, 1899, p. 156). O diferencial deste capítulo para os outros está no fato de que além do exagerado ciúme, Bento fala, também, sobre a grandiosidade de seu amor por sua esposa, que conseguia ser ainda maior que aquele que sentia por sua própria mãe: “Naquele tempo, por mais mulheres bonitas que achasse, nenhuma receberia a mínima parte do amor que tinha a Capitu. À minha própria

mãe não queria mais que metade.” (ASSIS, 1899, p. 156). Isso leva a conclusão de que tudo para ele significava grandezas, não havia simplicidade, apenas elevações a patamares difíceis de voltarem para baixo. Dessa forma, nem mesmo o ciúme poderia escapar da amplificação sentimental de Bento Santiago.

Em adição aos já abordados capítulos, cabe a menção da parte do livro que ocorre uma grande virada de chave na narrativa: o momento em que Bento Santiago encontra meios de comprovar sua opinião sobre a possível traição de Capitu, quando a vê chorando o luto pela perda de Escobar. Aproveitando-se da vulnerabilidade de sua esposa, Bento embasa seus delírios com algo que ele viu, comprovou e narrou, que foram os olhos marejados de Capitu chorando a morte de seu amigo em comum. O capítulo CXXIII, *Olhos de Ressaca*, trará os olhares como objetos que determinam culpa, em que o narrador tenta convencer o leitor da traição ao usar, de forma perspicaz, o advérbio “apaixonadamente” em: “(...) Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não lhe admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...” (ASSIS, 1899, p. 167). Além disso, o olhar de Capitu sempre obteve a atenção de Bento Santiago, já que, através dele, ele podia traduzir o que ela sentia - ou, pelo menos, deduzir. Ao denominar seu olhar como sendo de “ressaca” o narrador tenta dizer que, assim como a ressaca do mar puxa os nadadores para si, Capitu também o faz, como fez com o próprio Bentinho no início da narrativa e como tenta fazer, de acordo com ele, com Escobar em seu velório.

O Dom Casmurro, como firmado nos últimos capítulos do livro, não foi o único a representar tamanho ciúme tão rispidamente, Shakespeare traz, um século antes, em suas obras, o ciúme trágico que causava, até mesmo, mortes induzidas pelo sentimento. Em *Dom Casmurro*, o próprio narrador faz referência à peça shakespeariana sobre Otelo que assiste e que o faz aprofundar ainda mais a sua certeza de que havia sido traído. Essa associação entre os autores e suas obras torna a análise do ciúme mais clara, já que prova a aproximação de Machado com o assunto. O autor escreve, ainda, outras obras que podem remeter ao adultério e o ciúme, além do aqui já citado, *Missa do Galo*, há mais dois contos dignos de citação: *Três Tesouros perdidos* (1858) e *Astúcias de um Marido* (1866), sendo, respectivamente, um que contará a história de três personagens envolvidos em uma triangulação amorosa que leva a traição e outro sobre os planos de um marido de descobrir se sua esposa está ou não o traindo.

Como Machado de Assis evidenciou sua aproximação com o teatro em algumas obras e, mais ainda, sua relação com Shakespeare, torna-se possível explorar a frequência com que se vê a associação entre os dois autores, principalmente, em *Dom Casmurro*, que faz menção à *Otelo*. Shakespeare traz em sua obra, *Otelo, O Mouro de Veneza*, o exagerado ciúme que toma conta do protagonista, Otelo, que acaba por matar sua esposa Desdêmona, acreditando que esta fosse culpada de adultério, após ser informado de sua aproximação com Cássio, seu tenente. A reviravolta da trama encontra-se na revelação de que sua amada não havia o traído e era, de fato, inocente, e, sendo tarde demais, o general comete suicídio, já que não poderia conviver com a culpa dentro de si. Helen Caldwell, em seu livro sobre o Otelo Brasileiro em Machado de Assis, fará uma ponte entre Shakespeare e Machado de Assis e suas respectivas obras, e foca no ciúme que foge da normalidade e adentra um exagero que muda o rumo das obras, sendo que em *Dom Casmurro*, mesmo influenciado pela apresentação teatral de *Otelo*, Bento Santiago ainda toma a decisão de não matar sua esposa, ainda que acreditasse na culpa de Capitu.

Em sua obra, Helen Caldwell realiza uma comparação entre Bento Santiago e Otelo e o estopim para seus motivos de acreditarem nas traições de suas amadas: “A única prova tangível da culpa de Capitu é a semelhança de Ezequiel com Escobar. Esse é o “lenço de Desdêmona”, o acessório que Santiago faz dominar a ação.” (CALDWELL, 1960, p. 103). Essa comparação ajuda o leitor a lembrar que Machado de Assis (1) não foi o primeiro a falar sobre a incredulidade no objeto amado, por causa de uma possível traição e (2) utilizou de sua aproximação com o teatro para escrever suas obras.

O padrão visto em obras tão temporalmente afastadas entre si, pode agregar a uma análise feita sob o ponto de vista de Sigmund Freud, que com suas reflexões contribuiu para o campo de pesquisa voltado ao ciúme psicopatológico. O psicanalista é notavelmente reconhecido por explorar padrões e a partir deles tirar suas conclusões, bem como pode ser feito através da comparação entre dois personagens que se deixaram levar pelo ciúme: Bento Santiago e Otelo.

O *pathos* de Santiago

Ao descrever delírios do que poderia Capitu estar fazendo em sua ausência, Bento Santiago instiga uma curiosidade sobre a psicopatologia de seu ciúme. Será que é um ciúme, de fato, comum, ou traz consigo uma dúvida acerca da normalidade do sentimento? No já citado capítulo LXXXI, Bento Santiago mostra um lado preocupante quando faz menção a matar Prima Justina, por insinuar que Capitu e Sancha estivessem a namorar outros às escondidas e sai ao encontro das duas, imediatamente. Esse ciúme exagerado, causador de delírios sanguinários, demonstra a fragilidade de Bento Santiago quando se refere a Capitu: “Não a matei por não ter à mão ferro nem corda, pistola nem punhal; mas os olhos que lhe deitei, se pudessem matar, teriam suprido tudo.” (ASSIS, 1899, p. 117).

A psicopatologia, de acordo com Sigmund Freud, é o resultado do embate de conflitos internos - e inconscientes - do indivíduo com o lado consciente do ser, com o qual o ego não encontra meios de lidar. A psicopatologia possui alguns tipos, sendo eles: “as neuroses histéricas, fóbicas, obsessivas, de ansiedade; as psicoses; as perversões; as afecções psicossomáticas.” (DUQUE e VIANNA, 2014, p. 60) e, de acordo com Ceccarelli (2003), a palavra *patologia* é composta pela palavra de origem grega *patho*, que, dentre outros, possui dois significados: paixão ou doença.

Sendo assim, a ponte entre a psicopatologia de um indivíduo com o ciúme de Bento Santiago é feita ao passo que “(...) o homem não é responsável por suas paixões, pois não as escolhe. Contudo, torna-se responsável pela influência delas nas suas ações, sendo possível julgar o aspecto ético do sujeito.” (DUQUE e VIANNA, 2014, p. 53), desta maneira, o protagonista de *Dom Casmurro* é passível de ter seu juízo posto em dúvida, uma vez que as consequências do seu ciúme são suas atitudes de cunho odioso cujo maior aliado é a intensidade do sentimento, que pôde ser visto no momento em que, após mudar de ideia sobre ele mesmo tomar um café envenenado, decide entregá-lo a Ezequiel, querendo findar a vida de seu próprio filho: “Ezequiel abriu a boca. Cheguei-lhe a xícara, tão trêmulo que quase a entornei, mas disposto a fazê-la cair pela goela abaixo, (...)” (ASSIS, 1899, p. 180).

As demonstrações de ciúme no decorrer da narrativa são sempre admitidas de forma crua e sem pudor algum, o que gera no leitor uma preocupação com o nível de normalidade do ciúme de Bentinho. De acordo com Freud, existem três tipos de ciúme: o normal (ou competitivo), o projetado e o delirante. O normal é aquele ocasionado pela dor da perda do objeto amado e do ego ferido atrelado ao fato de tê-lo perdido para uma outra pessoa e ao indivíduo ter percebido o quão substituível é (FREUD, [1922] 1976, p. 271). O projetado é quando o sujeito se flagra na infidelidade - concreta ou não - e se livra da culpabilização quando inverte os papéis e projeta a infidelidade em seu parceiro (FREUD, [1922] 1976, p. 272). Já o último tipo de ciúme é o delirante, em que o sentimento se manifesta a partir de impulsos de infidelidade que foram reprimidos, porém o objeto, aqui, não é o sexo oposto, e sim, do mesmo.

Bento Santiago narra diversos momentos em que o ciúme influencia suas atitudes com relação a Capitu, que se tornam hostis, mesmo que essa seja a pessoa a quem mais ama no mundo. Porém, o que mais pode dar corpo à tese de que o ciúme de Bentinho ultrapassa as barreiras da normalidade e se aproxima do que é descrito por Freud em sua teoria sobre a psicopatologia do sentimento, mais especificamente o projetado, é a situação que se encontra com Sancha, melhor amiga de sua esposa e esposa de seu melhor amigo.

No capítulo CXVII, *A mão de Sancha*, Bento Santiago se encontra numa encruzilhada - em demasia parecida com aquela que se conhece no conto *Missa do Galo* - ao se deparar com seus inéditos sentimentos com relação à Sancha. De frente ao mar, pela janela da casa de Escobar, Bentinho e Sancha estão conversando sobre a possibilidade de uma viagem à Europa, quando os olhares de ambos os personagens parecem dizer mais do que suas bocas: “Entretanto, os olhos de Sancha não convidavam a expansões fraternais, pareciam quentes e intimativos, diziam outra coisa, e não tardou que se afastassem da janela, onde eu fiquei olhando para o mar, pensativo” (ASSIS, 1899, p. 163). Há, aí, uma clara contradição do protagonista, perceptível nesse momento narrado, em que Bento Santiago olha fixamente ao mar ao refletir, bem como fez sua esposa, no capítulo CVII.

A reflexão de Capitu ao olhar para o mar causa em Bento Santiago um ciúme tão intenso que o faz sentir medo do que poderia estar passando em sua mente e isso se dá por ele mesmo ter um dia olhado para o mar para refletir sobre suas ações, que de acordo com ele, são pecaminosas. Após a interação com Sancha, o protagonista admite seus sentimentos errôneos com relação a ela, quando, ao apertar sua mão, diz sentir “ainda os dedos de Sancha entre os meus, apertando uns aos outros. Foi um instante de vertigem e de pecado” (ASSIS, 1899, p. 163). Dessa forma, por que não sentiria ciúme de sua esposa quando decide olhar para o mar, já que uma vez ele o fez após se culpar pela infidelidade cometida? Essa atitude do narrador vai de encontro com o que postula Freud em sua teoria sobre a psicopatologia do ciúme, especificamente o ciúme do tipo projetado, já que encaixa bem com o ciúme que projeta em sua parceira, por já ter sido infiel, mesmo que de forma não concreta.

Para além disso, as características de Bentinho encaixam no que Freud definiu por psicopatologia quando seus delírios neuróticos influenciam em suas ações e falas sobre Capitu. Ainda que o homem não possa ser culpado por como se sente, ele pode ser responsabilizado pela forma como age com relação a eles e, através dos delírios, Bento Santiago, tomado pelo ciúme, torna-se um indivíduo malicioso, que deixa de querer o bem para sua amada e passa a desejar, inclusive, sua morte, como visto no capítulo em

que é narrada a ida de Bento para o teatro, para assistir a *Otelo*, de Shakespeare, onde percebe que quem deve morrer não é ele, mas sim, Capitu (ASSIS, 1899, p. 178).

Em suma, são rasas as possibilidades de enxergar o ciúme de Bento Santiago como normal, já que, diversas vezes, ele o admite de forma tão perversa. Em uma dessas vezes, discursa sobre como ele gostaria de dar fim à vida de seu grande amor Capitu, quando falando sozinho nas ruas declara:

“E era inocente - vinha eu dizendo rua abaixo. - Que faria o público, se ela deveras fosse culpada, tão culpada como Capitu? E que morte lhe daria o mouro? Um travesseiro não bastaria; era preciso sangue e fogo, um fogo intenso e vasto, que a consumisse de todo, e a reduzisse a pó, e o pó seria lançado ao vento, como eterna extinção...” (ASSIS, 1899, p. 178).

Considerações finais

A aplicação de um tema tão universal como o ciúme no âmbito da literatura pôde mostrar a grande frequência do sentimento na trama. A exploração de Shakespeare, por exemplo, serve como base para análise de diversas outras obras que a seguiram, anos depois, como é o caso de Machado de Assis, que abordou o assunto tanto em contos, como em livros. *Dom Casmurro* é utilizado muito bem para representar a forma como o sentimento pode se tornar maléfico para relações interpessoais, uma vez que torna o protagonista violento e obsessivo.

Ao utilizar como base artigos científicos de estudiosos sobre a obra, bem como o próprio livro de Machado de Assis, o presente artigo abordou a influência do ciúme dentro do relacionamento de Bento Santiago com Capitu, que no início da narrativa podia ser considerado ingênuo, já que se tratava do amor de Bentinho, mas já ao final da obra, o sentimento toma conta de um Dom Casmurro, enrijecido por tudo aquilo que acreditava ter acontecido.

A comparação com Shakespeare muito contribuiu para a conclusão vista no fim do trabalho de que Bento Santiago não sofre de um ciúme normal, mas um com origens inconscientes que levam a crer na existência de um ciúme psicopatológico. Em *Otelo, o Mouro de Veneza*, foi possível perceber o que a intensidade do ciúme pode fazer com um indivíduo, levando a não só a matar o objeto amado, como também se matar, por não conseguir conviver com a culpa deixada pela ação. Quando Bento Santiago decide assistir a essa peça teatral, chega a conclusão de que Capitu é, sim, culpada de adultério e acredita que precisa matá-la, bem como Otelo. Porém, por se tratar de personagens diferentes com origens distintas, optou por apenas mandá-la a outro país, mesmo que tivesse considerado, um dia, matar tanto a ela como a seu filho, fruto da traição inventada.

Mesmo que Bento Santiago não tenha agido com tamanha violência, ainda demonstrou ter sido agressivo em suas atitudes e falas, em que não manifesta compaixão e sequer escuta o que Capitu tem a dizer sobre o assunto. Torna-se difícil crer na normalidade do sentimento, quando expostos a tais eventos cruéis e egocêntricos.

Através da visão psicanalítica, foi possível fazer uma ponte entre Shakespeare e Machado de Assis, que abordavam os assuntos de adultério, infidelidade e ciúme como

base para algumas de suas obras. A partir desse padrão, pôde ser feita uma análise do sentimento em Bento Santiago, transfigurado em suas ações e interações externas.

Em síntese, o artigo buscou, através da obra e artigos sobre ela, explorar o ciúme de Bento Santiago e investigar as implicações do sentimento em suas atitudes e, ampliando da visão artística para a visão psicanalítica, foi possível reunir os delírios do personagem com as suas interações com outros e chegar à conclusão de que seu ciúme não podia ser considerado normal, uma vez que, além de prejudicial a ele mesmo, se tornou prejudicial a sua esposa e a seu filho.

Referências

- ASSIS, Machado de. **Missa do Galo**. Rio de Janeiro: Páginas Recolhidas, 2011.
- ASSIS, Machado de. **Machado de Assis** [livro eletrônico]: obra completa em quatro volumes, volumes 1 e 4. Organização Aluizio Leite...[et al.]. -- 1. ed. -- São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2021. 4 Mb; eBook.
- Disponível na Minha Biblioteca (UnB), na base de dados Pearson:
<https://minhabcedigital.bce.unb.br/Login.aspx?ReturnUrl=%2f>
- BOSI, Alfredo. **A História Concisa da Literatura Brasileira**. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2015.
- CALDWELL, Helen. **O Otelo brasileiro de Machado de Assis: Um estudo de “Dom Casmurro”**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CECCARELLI, P. R. A contribuição da psicopatologia fundamental para a saúde mental. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 13-25, mar. 2003. Publicação da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental.
- DUQUE, Francisco de Assis; VIANNA, Ana Cristina de Araújo. Psicopatologia psicanalítica: subjetividade e alteridade contemporâneas. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte. n. 42, p. 53-60, dez. 2014. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372014000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 jun. 2023.
- LUCAS, Fábio. **O núcleo e a periferia de Machado de Assis**. Barueri: Manole, 2009. Disponível na Minha Biblioteca (UnB), na base de dados Minha Biblioteca:
<https://minhabcedigital.bce.unb.br/Login.aspx?ReturnUrl=%2f>
- PLATÃO, O Banquete. In.: **Os pensadores**. Tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Victor Civita, 1972.
- SOPHIA, E. C.; TAVARES, H.; ZILBERMAN, M. L. **Amor patológico: um novo transtorno psiquiátrico?** Scielo, 2007. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbp/a/WCytcgqjByrLczK5PPV5Pqb/?lang=pt#>. Acesso em: 2 jul. 2023.

